



"A Constituição Stalineana tratou de inserir expressamente no seu texto (art. 124) o princípio democrático da liberdade religiosa". — De inserir, sim mas de modo algum, de observar. De inserir, mas não a "liberdade religiosa", como poderia e deveria ser, senão apenas e exclusivamente a "liberdade de culto", com a exclusão da escola e outros direitos inerentes à comunidade católica. Pelo contrario, no mesmo art. 124, como por ironia, é ali, precisamente, que "são reconhecidos a todos os cidadãos a liberdade de propaganda antereligiosa". Para o mal, sim, a liberdade completa, sem limites. E ainda para o culto, para o simples culto, de paredes a dentro, a liberdade no papel, pois é assaz sabido como entende a palavra — liberdade — a exegese soviética...

(Trecho de um discurso pronunciado por S. Excia. o sr. Arcebispo, na cidade de Itajaí).

Embora com resultado promissores, ainda não é a cura do câncer

62 graus abaixo de zero

"O TEMPO" É UM JORNAL SEMPRE AMIGO DOS AMIGOS DO POVO E SEMPRE INIMIGO DOS INIMIGOS DO POVO.

- Pág. 2 — DOENÇAS PROFISSIONAIS (Dr. Armin Scheer).
Pág. 3 — O TEMPO (J. J. Barreto).
TIM-TIM (Tim Thim).
Pág. 5 — O TEMPO ENSINA INGLÊS (A. A. Bouson).
Pág. 6 — UM LIVRO E UM AUTOR
Pág. 7 — O PRIMEIRO DEVER DO HOMEM: O ETICO
Pág. 8 — ARTE (Sálvio de Oliveira).
Pág. 10 — A CASACA DO VISINHO E' BONITA (Medeiros dos Santos).
Pág. 11 — A MARCHA DO TEMPO (Mário Freyesleben).
Pág. 13 — IN... DISCRIÇÕES (C. Azar).
... E ELA PASSOU (A. Sbissa).
Pág. 14 — CONTA-GOTAS (Osmar Silva).
Pág. 15 — MENSAGEM DA ROÇA (A. B. Bossle)
A INFLUENCIA DAS "COMIDAS" NA PSICOLÓGICA MODERNA (Oswald...)
Pág. 16 — TRISTE E' A REALIDADE... (Dib Cherem).
O PERFIL DA SEMANA.

Corpo de Bombeiros

Esquecidos, muitas vezes, quando não postos à prova, parecem viver no esquecimento, no rol daqueles que praticam o bem, sem galanteios. Mas, quando vimos um prédio abalado por sinistro incêndio, então olhamos com admiração para os intrépidos soldados do fogo. Firmados no sublime conceito do cumprimento do dever, os bombeiros aí estão, mesmo no risco de morte, enfrentando as labaredas, improvisando artifícios para minorar o mal.

Sentimo-nos à vontade para falar de bem àqueles que enfrentam urzes, sem visar posições.

Ao Corpo de Bombeiros de Florianópolis, o nosso sincero cumprimento pela passagem de mais um ano de luta em prol da segurança do nosso povo.

Adicionais na dependencia da mensagem de aumento

CURA MILAGROSA

O TEMPO

SEMANÁRIO INDEPENDENTE

ANO I | FLORIANÓPOLIS, 29 DE SETEMBRO DE 1952 | N. 12

“Doenças profissionais”

(Dr. Armin Scheer — Especial para O TEMPO)

Temos observado que a maior parte dos radiotelegrafistas e telegrafistas, após vários anos de serviço, apresentam as seguintes alterações patológicas:

a) — Tomam-se portadores de otites médias crônicas, indo até a surdês. Exemplo: à disposição para exames comprobatórios — Walter Manoel Eisenhard, radiotelegrafista da Cruzeiro do Sul; Alvaro Machado, radiotelegrafista da Polícia.

A nosso vêr, concorre para maior incidência o uso do fone, que por suas vibrações irrita e inflama a membrana do tímpano, produzindo, após 4 ou 5 horas de serviço, uma enorme fadiga do aparelho auditivo no profissional. Nessa altura a própria fadiga do órgão concorre para facilitar as infecções. Ao par da fadiga do ouvido, ainda temos o fato das substituições dos radiotelegrafistas, que se fazem por escalas, e, muitas vezes, um portador de um ouvido purulento, após contaminar por 6 horas o fone, é substituído por outro, que passa a usar esse mesmo fone, contaminando daí por diante todos os que são obrigados a usar esse aparelho. Já entramos em contacto com profissionais, que, portadores de otite média crônica, com a membrana do tímpano perfurada, nem sequer conseguiram a dispensa do serviço, por facultativos da Caixa de Pensões dos Serviços Aéreos e Telecomunicações. Pretendemos esclarecer que a nenhuma profissão pode ser exigido maior concentração individual, e, por consequência, Tensão Nervosa como seja a exigida para os profissionais radiotelegrafistas. Recebem e transmitem, êsses profissionais, geralmente numa velocidade nunca inferior a 30 palavras por minuto (para o exame de obtenção do diploma de radiotelegrafista é exigida a velocidade de 25 palavras por minuto aos profissionais principiantes). Essas 30 palavras por minuto são compostas, no mínimo, de 150 letras, e essas 150 letras representam, em média, 450 caracteres, compostos de pontos e traços, segun-

do o alfabeto Morse, num minuto.

O radiotelegrafista e telegrafista são obrigados a receber êsses pontos e traços e transformá-los mentalmente na letra correspondente, já batendo o respectivo teclado da máquina de escrever, dando os espaços convenientes, etc. Vejamos, assim, o trabalho de transformação mental de 45 caracteres, num minuto, numa hora e num quarto de serviço a quanta atenção e trabalho não corresponde?

Há, ainda, quem diga que tal trabalho mental e intelectual se faça automaticamente. Porém, as afirmações só podem ser feitas por pessoas que desconhecem em absoluto os princípios de fisiologia da célula nervosa. Assim, não só temos que analisar as manifestações psicossomáticas, traduzidas em forma de fadiga pelo trabalho mental (intelectual), como também temos que analisar a progressiva fadiga física no aparelho auditivo, resultando n uma “sumenage” desse órgão, como consequência inegável do trabalho de captação dos sinais Morse, acrescida das descargas elétricas, ruídos parasitas e outra infinidade de induções e interferências, que o ouvido do radiotelegrafista obrigatoriamente tem que suportar. Tal estado final da hierarquia do esforço se presta grandemente para diminuir a resistência orgânica às infecções, contribuindo especificamente para a otite média crônica do radiotelegrafista.

b) — Com referência ao sistema nervoso, o que mais nos vem impressionando atualmente é a grande incidência da “epilepsia” que se manifesta nos radiotelegrafistas e telegrafistas. Observa-se essa doença em profissionais que 5 ou 6 anos trabalham com fones, sem nenhum ataque epilético no passado. Alguns poucos, levados ao Eletroencefalógrafo, nos revelaram pequenas lesões ao nível da cisura de Roland. Não podemos deixar de admitir que o áudio frequência e rádio frequência, apesar da pequena intensidade existente nos fones, passe impunemente através das células

do sistema nervoso central, durante o trabalho de longos anos.

O maior comprovante desta afirmativa reside na morte trágica de uma porção de jovens profissionais, telegrafistas e radiotelegrafistas. Entre êles: Aristeu Gil, ex-funcionário da Viação Férrea, falecido com trinta e poucos anos de idade, que antes de ser telegrafista já havia apresentado ataques epiléticos, os quais apareceram 3 ou 4 anos após o início de sua fatídica profissão. Sargento Araújo, radiotelegrafista da Brigada Militar, tirou o Curso de radiotelegrafista do C. I. M., em 1934, originário de uma unidade de cavalaria, onde praticava equitação, etc. e já havia apresentado “ataques epiléticos”, que se manifestaram em 1936, i. é, 2 anos após o início da profissão, recrudescendo tais manifestações até que o mesmo, com 30 anos de idade, veio a falecer.

Nesta altura somos forçados a lembrar aos que lerem êstes argumentos, de que a radiotelegrafia existe há poucos decênios, enquanto que a Encéfalografia, que nos poderá fornecer daqui por diante dados mais concretos a respeito das lesões cerebrais, também só existe de poucos anos para cá. Mas a despeito disso, já podemos constatar vários casos, como aqui relatamos.

Também já observamos alguns casos de “Psicose Maníaco-depressiva” em pessoas que antes de exercerem a profissão de radiotelegrafista já haviam apresentado doenças nervosas. Como exemplo apresentamos o caso do ex-sargento da Brigada Militar, Ireno Machado, portador de

c) — Os radiotelegrafistas, radiotelefonistas, radiotécnicos e auxiliares técnicos, apresentam, após longos anos de trabalho, lesões cutâneas de aspecto “psoriasiforme”. Formam-se verdadeiras placas de queratina, que diferem da “Psoríasis” apenas no que diz respeito à descamação e localização. Enquanto que a “Psoríasis” se localiza primeiramente nos cotovêlos e joelhos de ambos os lados, a queratinização do radiotelegrafista é

O TEMPO

Semanario Independente

Diretor:

J. J. BARRETO

Redator-Secretário:

HELIO K. SILVA

Redatores:

OSMAR COOK

HAMILTON ALVES

SALVIO DE OLIVEIRA

HELIO B. DOS SANTOS

Redação, Gerência e
Publicidade

Rua Tiradentes, 17

Telefone 1445

Cx. Postal, 269

Florianópolis - Sta. Catarina

— Brasil —

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

específica, conforme nossa observação na mão direita, é, a mão dextra, que maneja o manipulador e que sintoniza as frequências dos transmissores e receptores. (Sobre o assunto estamos preparando um trabalho científico, que, após impresso, será distribuído às sociedades médicas). Não podemos deixar de frisar a chamada “doença do telegrafista”, já descrita por alguns autores, e que atinge a todos os que manejam o manipulador durante muitos anos. Consiste a doença num relaxamento e atrofia muscular da mão com que os profissionais telegrafistas e radiotelegrafistas manipulam. Esse grau de relaxamento chega a tal ponto que os profissionais não conseguem controlar a duração dos pontos e dos traços, obrigando o afastamento dos aparelhos. Exemplo: Sargento Peixoto, Base Aérea de Canoas.

Nota da Redação — O Dr. Armin Scheer, médico porto-alegrense, elaborou essas informações que, aprovadas pelo Serviço de Biometria Médica do Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, serviram de base para um projeto de lei na Assembléia Estadual gaúcha, reduzindo para 25 anos de serviço o tempo para aposentadoria.

O TEMPO

J. J. BARRETO

Estamos apenas no segundo ano de governo do Presidente Vargas, e já se prenuncia o início da luta pela sucessão. Os políticos gostam de precipitar os problemas da política, problemas que lhes tocam de perto. São sensíveis às modificações na alta administração, às viagens de ministros e governadores, às reuniões partidárias, aos boatos e a tudo o mais que cheire assunto exclusivamente político. Por isso, os rumores de remodelação ministerial, na base de uma nova composição de forças partidárias, para apóio ao governo federal têm agitado os círculos da política nacional, nas últimas semanas. As entrevistas à imprensa carioca do Ministro Negrão de Lima, e dos Srs. Odilon Braga, Amaral Peixoto, Danton Coelho e Antônio Balbino refletem bem o alarma causado pela idéia de formação de um governo de união nacional, mediante mudança nos quadros da administração.



Parece que o que está a impedir qualquer esforço, no sentido dêsse congraçamento de inspiração do Presidente da República e do ex-chanceler Oswaldo Aranha, não é só o apêgo dos ministros às suas pastas, mas a renitente insistência do sr. Odilon Braga e de mais alguns políticos, na manutenção de um espírito de permanente desconfiança e hostilidade ao sr. Getúlio Vargas.

O repúdio dêsse chefe udenista à fórmula leal e patriótica, de colaboração esboçada na entrevista do sr. Oswaldo Aranha — figura a que se não pode negar impecável conduta política e insuperável experiência, para conduzir entendimento da natureza do planejado — é uma dessas coisas lamentáveis do nosso meio político, onde o facciosismo e a imaginação temerária obstaculizam a criação de clima elevado de compreensão e cooperação, entre adversários, que podem no trato dos interesses nacionais, desarmar os espíritos, agindo num sentido comum, sem quebra de fidelidade partidária. Aí temos o exemplo do Ministro João Cleófas, udenista da primeira hora, que não se divorcia do partido e empresta sua colaboração e a da seção que chefia, ao governo. Qual a diferença dessa colaboração do udenismo pernambucano com a reingrada pela U. D. N. através do seu Presidente? Evidentemente não há. Será que não importa sentir os problemas do povo, as dificuldades do governo, a situação do país, antes de se deter numa atitude comprometedora, falha de sentimento nacional? O seu retraimento à participação, numa entente colaboracionista é uma clara negação ao seu passado político e deixa entrever exclusiva preocupação de preparar desde já o ambiente político, para a luta sucessória.

Tal gesto só pode ser visto pela opinião pública com muita frieza, pois na realidade constitui um grave erro de visão na interpretação do momento. Basta partir do reconhecimento de que a necessidade de um governo fortalecido por uma coalisão de partidos é um imperativo nacional e não um golpe político.

TIM-TIM

por TIM THIM

Há um cachorro louco à solta, ganindo pelas ruas da cidade.

x x x

Do que se disse naquela reunião acidental e inter-partidária, ali no Bar Rosa, o Guilherme (tudo nos une, só a política nos separa), após rigorosa peneirada, guasqueou forte p'ra cima do meu pobre partido.

Das sobras de sua escolha parcialíssima dou hoje u'a amostrinha:

O ilustre presidente em exercício do P. S. D., com argumentos duros, gestos ríspidos e tom enérgico, pretendia convencer a membro graduado de seu partido não dever ir à capital gaúcha, na comitiva do governador.

— Por estas razões. E mais estas. E ainda est'outras...

No final, como resposta ou contradita a tôda sua dialética, ouviu apenas isto, do maneiroso correligionário:

— E', mas eu vou!

E foi.

Alguém, na mesma conversa, onde o fato, ainda quentinho, fôra comentado, apontou o exemplo de outros dois pessedistas, ambos deputados, e que se teriam negado a irem na comitiva, pela origem do convite.

A versão foi evidentemente arranjada na hora, porque não se ignorava ter o partido indicado aquêles seus conspícuos membros.

— Tudo consequência do primeiro convite, confessou outro pessedino de cruz na testa. O P. S. D. precisava dar assistência ao correligionário de poucas letras.

Como um dos indicados fôsse precisamente o senhor Lenoir Vargas, tive de concordar com a felicidade da indicação.

Ele até... lê no ar.

x x x

O outro recusante teria sido o irriquieto deputado Wilmar Dias, que, para ir, exigiu convite direto do governo do Rio Grande.

E como S. S. há poucos dias houvesse regresso dos Estados-Unidos, eu concluí que lá fôra a ... chamando do Presidente Truman.

Comentou-se, ainda, naquela tábola-redonda, tudo o que se passou na última reunião da U. D. N. Bem informado, meu Deus, essa do P. S. D.!!!

Das suas reuniões, coisa de admirar, nunca se soube nada.

— Por que, indaguei?

Um da roda, que eu traio no momento, decifrou o enigma:

— As nossas reuniões eram, assim: O dr. Nerêu mandava fazer as atas de tudo o que queria. Do jeito que êle queria.

Depois convocava os membros do partido e, a um por um, ia-os chamando a palácio.

— O partido está reunido e decidiu isso que ficou consignado em ata. Não precisa ler, que está certo.

Assine, aí na última linha. E capriche na letra...

x x x

Fiquei conhecendo o segredo pessedino. Se fiquei...

Discurso de S. Excia. o Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira na cidade de Itajaí

Como é do conhecimento do público, às solenidades da Pátria, no dia 7 de Setembro último, na cidade de Itajaí, aliou-se, entre outras funções, a consagração do carrilhão de sinos expressamente encomendados para a sua monumental Matriz.

Atenta a grande concorrência do povo, a função religiosa realizou-se em frente ao grandioso templo, em altar adrede preparado.

Presentes as autoridades municipais e judiciais. O senhor Governador fez-se representar pelo sr. Prefeito Municipal. O Arcebispo, que assis do trono, pronunciou a seguinte alocução relativa ao ato:

Vox Domini in virtute; vox Domini in magnificentia; Voz do Senhor, que poder! Voz do Senhor, que magnificência! (Salm. 28,4). — Exmos. srs. Prefeito Municipal e demais autoridades; caros Padres; presados fiéis; senhores. — Assim como os fenômenos em geral do céu vêm sempre preocupando os sábios e os astrônomos; o ribombo, em particular dos trovões, como o fragor das tempestades, revestidas, por vezes, de uma grandeza épica, têm inspirado os artistas e os poetas. Para uns, o estrondo do céu

“Embebe tudo em fundo desconforto...

E em distância trovões irregulares

Representam descargas militares

Nos funerais siclépicos de um morto. São as “descargas sobre descargas que rasgam o ar, incendiam o horizonte, cruzar em raios e espaço”, de que fala o grande tribuno na sua memorável “Oração aos Moços”.

Na Sagrada Escritura, onde a mais alta poética ocupou sempre um posto de incomparável relevo, Davi, o profeta-rei, entre outros, vê em tudo isso a própria voz de Deus, que o é, de certo modo, pelo poder e magnificência, que fazem supor a excelência da causa: *Vox Domini in virtute; vox Domini in magnificentia.* São as descargas que, ainda por esse mo-

do, obedecem A'quele que ordenou, e tudo se fez *Ipsedixit, et facta sunt*, o eterno *Fiat* que povoou de meriados de mundos as esferas estelares. Voz que, como refere o Apóstolo S. Paulo, “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos a nossos pais pelos profetas, últimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho”. (Hebr. I, 1). Voz, enfim, que, em circunstância memorável, quando Deus conduzia o seu povo pelo deserto, rumo à Terra da Promissão, e o mar se opunha à sua passagem como barreira intransponível, se fez ouvir, sonora e imperiosa: *Vox Domini super aqua* — e o mar se retirou, submisso e obediente, tão obediente que parecia fugir: *mare vidit et fugit* (Salm. 113, 3). Não admira, pois que essa concepção dos sábios e dos santos passe à mais profunda convicção popular. Pelo menos, diante desse fragor da natureza, o homem, medindo toda a extensão da sua imensa fraqueza, se eleva ao pensamento de um ser opipotente próprio indio das matas, a quem o poeta nos conhecidos versos faz repetir:

“Um deus, diz, um Tupá, um ser possante

Quem poderá negar que reja o mundo,

Ou vendo a nuvem fulminar, tonante,

Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?”

Eis o que a mentalidade cristã transplantou, desde a antiguidade, para o festivo e angustioso bimbalar dos sinos.

Os sinos, com efeito, eram conhecidos no Ocidente já desde os primeiros anos do século 5º. Eram as campanas, cujo nome, segundo Isidoro de Sevilha, derivaria da Campana, na Itália, onde com o bronze chamado *campanum* teriam sido fabricados os primeiros sinos. No Oriente, porém, ultrapassam, de muito, os séculos cristãos. A China, com a sua civilização antiga, conheceu-os desde cinco ou seis séculos antes de Cristo. Mas não repugna que obedecendo não propriamente à in-

fluência dos seus cultos locais, senão à mais autêntica inspiração religiosa; porque, enfim, os sinos, embora sob outra modalidade, diferentes no tamanho, mas com muita semelhança de objetivos, eram empregados no culto judaico, milênios antes da era cristã. É, sabido como o sumo sacerdote, no culto judaico, para o desempenho oficial, trazia pendentes da túnica um número considerável de campainhas, setenta e duas, segundo os rabinos, e trezentos e setenta, segundo Clemente de Alexandre, que tinha por fim anunciar a chegada do sacrificador e permitir ao povo seguir o desenrolar das cerimônias sagradas.

Empregados, pois, nas funções estritamente sobrenaturais e divinas, embora aptos a santificar as honestas e patrióticas, os sinos, se não constituem propriamente a voz, são, pelo menos, o popular instrumento da mensagem divina. Anunciam as festas, convidam à oração e ao recolhimento, chamam à igreja para a oração em comum, para a pregação, para o sacrifício, e é de ver como, pela insistência e soneridade de seus chamados e seus repiques, parecem insistir na gravidade, na urgência do cumprimento deste insubstituível dever religioso.

A santa Missa! Para celebra-la, pela primeira vez, varões apostólicos, como os companheiros de S. Inácio, empregaram oitenta dias de preparação imediata, — quarenta com visitas de caridade, assistindo aos doentes nos hospitais, e mais quarenta de retidão, jejuns e penitências. E o fundador da Campana ainda mais, pois ordenado a 24 de junho de 1537, só consentiu em celebrar no Natal seguinte, isto é, seis meses exatos de preparação. Monitos dos mais cloquentes para os que devemos assisti-la ou celebra-la.

A santa Missa, como sacrifício, que é, é o ato específico do culto. Uma religião sem sacrifício, não tem culto propriamente dito: porque, — já o ponderou o autor do “Genio de Cristianismo —

“nos diversos povos da terra, as cerimônias religiosas procedem do sacrifício, e não é o sacrifício que procede das cerimônias religiosas”. (v. II, p. 145). “Donde se deve concluir — continua o mesmo celebrado autor — que o único povo cristão que tem culto é aquele que conserva uma imolação” (Id. ib.).

Assim que os sinos são vestidos de uma função e ministério eminentemente sagrados. Daí a bênção, que pode ser mais simples, ou solo, e ambas reservadas, e a sagração, com rito especial e solene, como o que iremos presenciar, com exercismos, aspersões, unções com o óleo dos enfermos e santo crisma, própria das Igrejas consagradas.

Merece, contudo, notado um dos últimos votos que se propõe a bênção: *ut quicumque ad senitum ejus conveniunt, semper fidei Catholica documenta sectentur*, ou em linguagem: que os que ouvirem e acudirem aos sons harmoniosos dos sinos, vigilantes e solícitos no alto das suas torres, inseperavelmente perseverem nos ensinamentos da fé católica. Tal o apreço que sempre ligou a Igreja ao divino depósito da religião revelada. Depósito que recebeu, e tem por missão transmitir intato às gerações e séculos futuros. Intransigentemente. Obstinação. A prova da sua convicção e dos seus direitos está precisamente nos precalços que, através de todos os tempos, essa atitude lhe tem merecido.

Objeta-se com o próprio exemplo da Rússia, escrevendo: “O Patriarca dirige a sua casa de perfeita harmonia com o Estado”. — De harmonia com o Estado, não se nega. Mas também de harmonia com a consciência? Porque a verdade é que tal harmonia é comprada por alto preço: — o sacrifício da liberdade e autonomia que nem o Patriarca, nem ninguém tem o direito de dispôr ou alienar.

“A indiferença religiosa é (Continuação da 5ª pág.)

"O TEMPO" ENSINA INGLÊS

O INGLÊS ATUAL DOS ESTADOS UNIDOS

(AMERICAN ENGLISH)

LESSON X (Décima Lição)

Por A. A. BOUSON

VOCABULARY (VOKÉ'BIULÉRI)

Personal Pronouns

(pér'sonál prô'nauns)

I (ai) — Eu
 You (iú) — Tu
 He (hi) — Ele (h aspirado)
 She (shi) — Ela
 It (it) — ele, ela (neutro, usado para coisa ou animais pequenos)
 We — (ui) — Nos
 You (iú) — Vós
 They — (dzei) — Eles, elas

Nota: "I" é sempre escrito com letra maiúscula. Os demais pronomes podem ser escritos com letra minúscula.

Possessive Adjectives

(pôze'ssiv E'djektivs)

My (mai) — meu, minha, meus, minhas.
 Your (iôr) — Teu, tua, teus, tuas.
 His (hís) — Seu, dele.
 Her (hêr, h aspirado) — Sua, dela.
 Its (íts) — seu, sua, dele, dela (neutro).
 Our (au'êr) — nosso, nossa, nossos, nossas.
 Your (iôr) — vosso, vossa, vossos, vossas.
 Their (dzér) — seus, suas, deles, delas.

Nota: Os adjetivos possessivos são sempre usados antes das coisas possuídas. Ao contrário do Português, em Inglês os adjetivos possessivos concordam sempre com o possuidor e não com a coisa possuída. Ex:

His pen — sua pena (a pena dele)
 Her father — o pai dela (o pai dela) (father pronuncia-se fadzêr).

INGLÊS PRÁTICO PELO MÉTODO RÁPIDO
 E MÓDERNO

(Fonética Internacional)

PROFESSOR BOUSON

Praça 15 de Novembro, 20 — 2º andar.

Discurso de S. Excia...

(Continuação da 4ª pág.)
 devida à inoperância da Igreja nos problemas sociais". — E haverá algum indivíduo ou ainda como a Igreja, em repetidos e fulgurantes documentos e Encíclicas, com desvelado e nunca desmentido interesse, tenha mostrado o modo prático, verdadeiro e exclusivo para a solução desses problemas sociais?

"Insiste em soluções românticas, obsoletas e humilhantes, como é a esmola". — Românticas? — Não! práticas, e, conforme os casos, absolutamente obrigatórias. Obsoletas? Também não, pois que constam do Evangelho, e os seus ensinamentos são imprescritíveis e eternos. Humilhantes? Ainda não, se for feita a esmola com o espírito e pelo modo como o indicou o Divino Mestre. Aliás, se insiste na esmola, não o faz como recurso exclusivo, nem mesmo como solução geral e definitiva do palpitante problema.

"A Constituição Stalineana tratou de inserir expressamente no seu texto (art. 124) o princípio democrático da liberdade religiosa". — De inserir, sim mas de modo algum, de observar. De inserir, mas não a "liberdade religiosa", como poderia e deveria ser, senão apenas o exclusivo a "liberdade do culto", com a exclusão da escola e outros direitos inerentes à comunidade católica. Pelo contrário, no mesmo art. 124, como por ironia, é ali, precisamente, que "são reconhecidos a todos os cidadãos a liberdade de propaganda anti-religiosa". Para o mal, sim, a liberdade completa para o culto, para o simples culto, de paredes dentro a liberdade no papel, pois é assaz sabido como entende a palavra — liberdade — a exegese soviética...

Senhores, volvamos ao bimbalar dos sinos, desses prodigiosos instrumentos que, em determinadas horas do dia, do dia útil e muito particularmente no "dia do Senhor", nos convidam e facultam entrar em contato com a Divindade. Que à sua voz um povo em peso se abale para a casa do sacrifício e da oração. E que a bênção que den-

tro de poucos instantes rogaromos lhes desça do céu, nesta data magna tipicamente nacional, seja ainda o símbolo da alegria com que nos associamos aos nobres anceios e legítimos hozanas da Pátria.

62 GRAUS ABAIXO DE ZERO

Congelada a paciente e submetida a delicada intervenção cirúrgica no coração

O Ministério da Universidade de Minnesota anunciaram haver operado uma menina de 5 anos de idade "congelando-a" a 62 graus centígrados abaixo de zero. A criança foi submetida a delicada intervenção cirúrgica no coração, depois de terem os médicos detido a circulação de seu sangue pelo espaço de cinco minutos.

O dr. Floyd Lewis, que dirigiu a operação, declarou: "Creio que esta foi a primeira vez que se utilizou a congelção para uma cirurgia cardíaca". Acrescentou que é possível que a congelção permita efetuar operações do coração consideradas até agora difíceis.

Explicou o dr. Lewis que a congelção diminuiu a metade o oxigênio necessário ao ser humano, permitindo interromper a circulação do sangue enquanto durar a operação. Esclareceu que, enquanto a operação estiver sendo feita, haverá o perigo de uma lesão cerebral. A congelção poderá reduzir ou eliminar esse perigo.

A menina, cujo nome não foi dado a conhecer, nasceu com uma lesão no coração, que se havia hipertrofiado um tanto, já que tinha que expelir mais sangue que o normal. O estado da criança era delicadíssimo e pesava ela menos de 14 quilos.

Ao terminar a operação, a criança foi submergida numa banheira de água quente, demorando 40 minutos para descongelar-se.

Um livro e um autor

“MATER” — Crônicas da Ave Maria

João Alfredo Medeiros Vieira, autor do livro “MATER”, já em segunda edição, não é, como se poderá pensar, um novo escritor, pois que colabora, periodicamente, nas colunas da imprensa catarinense e brasileira, desde 1942, quando começou no jornal “O ESTADO”, então de Altino Flôres, com artigos espaçados, porém regulares.

Em 1943 publicou cerca de cem crônicas sobre o *livro de um ano*, além de poesias líricas e biografias, em “A GA-

ZETA” (de que em 1951 viria também a ser um dos redatores), “A NAÇÃO”, “A CIDADE”, “GUIA SERRANO”, e outros jornais. Durante 5 anos — 1943 a 1948 — foi correspondente do GUIA SERRANO, de Lajes, continuando a sê-lo mesmo depois de se transferir para Blumenau em 1945, onde esteve até 1947. Naquele ano de 1945 foi que se achegou ao rádio, a convite da direção da RADIO CULTURA, P. R. C. 4 de Blumenau onde se tornou renomado e apreciadíssimo pelas suas crônicas da Ave Maria, as quais interpretava com excepcional naturalidade e perfeição, valendo-se do timbre sonoro de sua voz, que muito contribuiu para que conquistasse os ouvintes de todos os lugares onde era sintonizada a Rádio Cultura. Em 1948 o Dr. Raul Schaefer, que então tomava posse na Assembléia Legislativa, para a qual fora eleito, convidou-o a, assumir a direção do jornal “CORREIO BRUSQUENSE”, substituindo-o assim, à testa desse semanário. Medeiros Vieira aceitou o elevado cargo, sendo ao mesmo tempo contratado pela Rádio Araguaia Z. Y. T. 20, da referida cidade de Brusque, onde, então suas já famosas Orações da Ave Maria atingiram o máximo de popularidade, pois eram ouvidas por católicos, protestantes, evangélicos, e *sem religião*. Ainda instituiu perto de oito novos programas, autorizados *em direção*, e entre eles “LETRAS E MELODIAS”, “LAR DOCE LAR”, “CORREIO SENTIMENTAL”, “POEMETO PARA VOCE”, “VIENA, VELHA VIENA”, “MELODIAS INESQUECIVEIS”, tendo feito o “script” de numerosos outros programas diários, e sendo sobretudo o predileto dos ouvintes nas crônicas de aniversários, casamentos, despedidas, funerais, etc., para o que o procuravam diariamente numerosos ouvintes. Em Brusque, onde seu nome é estimadíssimo por todos, esteve radicado quase 3 anos, tendo de lá se afastado somente em vista do contrato que assinou com o SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO, em 1950, ocupando relevante cargo de AGENTE ITINERANTE da 4ª ZONA sencitária com sede em Lajes, onde cumpriu contrato por um ano. Aliás, como sabemos, João Alfredo Medeiros Vieira lançará brevemente o



livro “DIARIO DE UM AGENTE ITINERANTE”, para o qual se espera enorme sucesso, dado o motivo que é o recenseamento e o nome do autor que sobretudo agora se tornou largamente conhecido em todo o país.

No ano de 1951, em São Paulo foi redator de “A E’POCA”, mas sua saúde, grandemente afetada o forçou a regressar a Santa Catarina.

João Alfredo Medeiros Vieira é membro da ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE IMPRENSA e possui carteira profissional de jornalista expedida pelo M. T. I. C. Membro efetivo do Clube de Cooperação Cultural, ex-Presidente do Clube Filial dessa entidade na cidade de Brusque, ex-presidente e membro do Centro de Cultura Literaria de Blumenau, membro correspondente do Instituto Brasileiro de São Paulo, do Instituto Hispano-Americano de Quito, sócio honorário de várias entidades culturais, sendo, nesta Capital, também membro do Grêmio Pedro Jorge Frassati (ORADOR OFICIAL), e um dos fundadores do Centro de Pesquisas Arqueológicas.

Foi, nas eleições gerais de 1950 candidato a deputado estadual pelo Partido Democrata Cristão, mas renunciou sua candidatura antes do pleito. Tem prontas para lançar mais cinco obras, estando duas já no prélo: NOTURNOS (poesias) e “DIARIO DE UM AGENTE ITINERANTE”, cujo êxito é certo.

Seu livro MATER revela o espírito místico do autor, dono de um estilo próprio, mas clássico. E’ anti-modernista na literatura. Corresponde-se com os escritores patricios Albino de Boni, e João Amazonas, dos quais tem recebido vários volumes autografados.

A primeira edição de MATER se acha exgotada pelo público, estando a obra já em segunda edição, primorosamente confeccionada.

Agradecemos ao sr. João Alfredo Medeiros Vieira a oferta de um exemplar gentilmente autografado e felicitamos as letras catarinenses pelo acontecimento que vem engalaná-la: o aparecimento de MATER, um rico e primoroso conjunto de crônicas profundamente espirituais.

CONCURSO DO DASP

REALIZAÇÃO DE PROVAS

SERAO REALIZADAS, EM OUTUBRO AS SEGUINTE PROVAS

P. H. 2.074 — Radiotécnico do Minist. Aeronáutica
Dia 4 (Sábado), às 14 horas — Le-Escrita.

P. H. 2.070 — Fiscal do M. T. I. C.
Dia 6 (Sábado), às 14 horas — Legislação Trabalhista.
Dia 5 (Domingo), às 8 horas — Português.

LOCAL DE REALIZAÇÃO: — Escola Industrial de Florianópolis.

O primeiro dever do homem: o ético

Procuramos nos orientar, segundo as últimas normas científicas da Biologia, a fim de saber se há uma raça privilegiada desde o nascimento. E a nossa conclusão foi a de que "nascemos iguais na desigualdade". E portanto, nenhum de nós poderá se orgulhar de ter nascido mais inteligente que o próximo. Todos nascemos iguais, se nos basearmos na ignorância do tipo bom ou mau, que poderemos vir a ser, assim como também desconhecemos nossas futuras qualidades. E somos desiguais pelo fato sem responsabilidade particular, alguns terão possibilidades e privilégios, que outros nunca terão. Entretanto estes mesmos, que virão a colher os privilégios da natureza, e que irão explorá-los ou perdê-los, por não poderem desenvolvê-los, e eis que aqui começa a injustiça humana: perder um dom da natureza por falta de recursos economicos, que impeçam o seu desenvolvimento, por meio de uma educação orientada no sentido de atingir a um nível, que permita alcançar os conhecimentos gerais de um ramo ou de outro, é desolador. E às vezes a um ser privilegiado pela natureza e bafejado pela fortuna, falta a necessaria força de vontade para estudar e trabalhar.

A Humanidade chegou a um nível de desenvolvimento cultural tão elevado, que trabalhando 14 horas por dia, a fio, raros são os homens que poderão chegar aos 40 anos, com uma cultura geral bastante forte e aperfeiçoada, para abordar um problema humano qualquer e dar-lhe uma solução. O ideal seria especializar o individuo, somente depois dessa época. Mas esse sonho é irrealizável, e já aos 25 anos, o individuo vai se especializando, embora, ignorando 90% das atividades humanas. E, às vezes, de vento em popa, ele se dirige á política, que é a arte de governar, portanto das mais complexas.

A Filosofia (no sentido restritivo com que hoje se emprega) constitui a base, que deverá formar os seres privilegiados, porque dela dependem os fundamentos do ser

humano, a Moral e a Etica.

A Moral é o conjunto dos comportamentos do ser humano, entre os outros seres para ficar no bem. E a Etica é o conjunto dos comportamentos do ser humano consigo próprio e sua consciência, para se sentir em paz em seu íntimo, e portanto satisfeito. A primeira se concretiza na sociedade de hoje pela lei, e a segunda constitui o que o Cristianismo chama de exame de consciência. A Moral tem pois um sentido social, sendo a Etica tipicamente particular. Portanto, por aí vemos as consequências tremendas, que acarretariam, se um desses eleitos da natureza, inadequadamente preparado, carregando o peso e a responsabilidade dos outros desfavorecidos, desconhecendo a forma perfeita de uma Moral absoluta e de uma Etica completa, e como esperar dos outros uma obediência é um resultado?

Tomemos um exemplo. Não se pode afirmar que o preto minta mais que o branco e este mais que o vermelho. O nível de qualidade entre seres humanos de quaisquer raças só poderá ser medido pela Etica e pela Moral. E' deplorável que diariamente, homens de alta posição social e política usem a mentira para proteger seu mau comportamento. E, infelizmente, mesmo apanhados em flagrante, não exteriorizam a vergonha pelo erro cometido. A criança de 10 anos se esconde e o homem, na força da idade, mente e escreve mentiras para justificar as ações e erros de sua gestão, e tem depois a audácia, a insolência de afirmar e continuar a mentar.

O clima absolutamente necessário á vida social do homem, no contato diário com seus semelhantes, é a confiança. A confiança é o ar puro indispensável á realização e desenvolvimento de todas as iniciativas humanas, quer particulares, quer públicas, sem a qual nada de serio viável ou duradouro poderá ser feito. Ora, a confiança nasce deste comportamento ético, leal, desta moral do homem que nunca erra, nunca mente,

isento de pequenos, que tem um coração para ajudar os outros, que dá o exemplo de sua própria vida, que se apresenta sempre limpo, tanto na roupa, que veste, como na alma que o anima. Só assim poderá arrancar de seus semelhantes o respeito e a admiração, que a todos curvará. Este poderá usar o nome de HOMEM, e no fundo de sua consciência descansar á noite em paz, em quietude e cheio de satisfação.

Infelizmente, o branco neste particular não pode se envaidecer de seu sangue, pois bem o preto não pode se vangloriar de superar fisicamente o branco. O racismo, qualquer que seja, é uma arma usada somente pelos viciados, que são capazes de matar o maior amigo, para alcançar os fins por ele projetados.

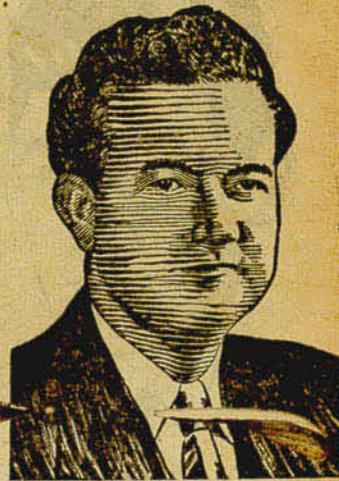
E aqui encontramos explicação para confusão do mundo moderno e da política internacional do século. Onde quer que seja, os que desejam. A ser eleitos, afirmam, prometem, juram que realizarão isto ou aquilo. Atacam e injuriam seus predecessores, usam todas as palavras que se pode imaginar para desmoralizá-los, e uma vez no poder, esquecem os compromissos, renegam a palavra empenhada. Nada importa, pois conseguido o lugar almejado, estarão seguros e durante seu mandato, poderão aproveitar e fazer um futuro definitivo.

E' a falta quasi completa de etica e moral, que tem levado o mundo pelo caminho do sofrimento, das perturbações sociais e economicas. Em tempos idos, a Igreja considerava o empréstimo com juros pecado capital, mas a própria Igreja foi ultrapassada. Passou a limitar os juros, depois abandonou o assunto. Os que deveriam dar o bom exemplo são os primeiros a errar e principalmente em política, qualquer homem tem a insolência de julgar e criticar um outro em posição inferior á sua. E frequentemente homens desmascarados em seus erros, levantam os ombros e se justificam, dizendo: "... é a política" ... A injuria humana é a maior prova de que o homem não

está preparado para governar, mormente quando é por vaidade e seu único objetivo consiste em saciar suas paixões, sem correr riscos capitais.

Em Roma Antiga, que não era uma perfeição, o castigo dos políticos apanhados em flagrante de mentira, era a pena capital. Hoje não há castigo nenhum. E assim o homem perde todo o prestígio e o futuro da Humanidade se ensombrece. Não entanto, a origem do mal está em si mesmo e para corrigi-lo, dever-se-ia recommençar tudo, apendendo antes de realizar, a fim de se ter uma noção digna e elevada da missão a desempenhar.

As consequências das bases racistas, que tem prejudicado o homem. Num futuro estudo economico e criminologico, examinaremos as consequências destes conceitos errados. Nosso único desejo, expondo esses problemas é conseguir alguns adeptos para o bem geral e o futuro da nossa amada terra brasileira.



John J. Sparkman, senador norte-americano eleito pelo Estado de Alabama, foi escolhido pelo Partido Democrático para seu candidato ao cargo de vice-presidente dos Estados Unidos.

Antigo advogado e professor colegial, o senador Sparkman serviu na Câmara de Representantes dos Estados Unidos de 1937 a 1946, quando foi eleito para o Senado. Serviu também como delegado norte-americano na Assembléia Geral das Nações Unidas.

ARTE

por Sálvio de Oliveira

O ARTISTA E O ESTADO

Ainda há pouco comentamos, a respeito da celeuma em torno do realismo socialista, o perigo em que se constituem as relações entre a Arte e o Estado, quando éste exorbitando de suas funções, pretende ditar normas segundo as quais o Artista deve pautar-se, sob pena de sair das boas graças dos potentados.

Difícilmente, é bom se diga, Arte e Estado se relacionam de modo satisfatório, sem a hipertrofia dêste; depois, os homens de estado quase nunca recebem, sem manifestações da desagradado, as críticas que os artistas lhes fazem, ou — o que é pior —, na mais das vèzes, o homem de letras compromete sua ação, limitando-se a cantar loas aos govêrnos.

Ainda agora, por ocasião da entrega dos prêmios do I Salão Nacional de Arte Moderna, o titular da pasta da Educação, ~~mn. prêmios Fimio~~, expendeu a respeito considerações dignas de nota, frisando que o Estado não possui uma estética ou um modelo oficial é, mais, que cabe aos poderes governamentais criar condições para a livre expressão do Artista, sem, ao mesmo tempo, julgarem-se credores, cobrando um preço alto demais por permitirem o livre comércio das idéias.

Porque, dar condições favoráveis à obra Artística, é dever do Estado, não diretio, que exija retribuição.

(REVISTA BRANCA)

LIVROS

FRANQUIA POSTAL PARA LIVROS

Sôbre a crise do livro no Brasil, já se disse tudo. Os leitores falam do preço exorbitante das publicações; os livreiros defendem-se alegando os impostos elevados.

O govêrno, em ocasião alguma, voltou-se para tal crise.

Agora, o Ministro da Viação, depois de ouvido o Ministro da Educação, submeteu à aprovação do Presidente da República um regulamento que, se bem ainda não resolve totalmente o problema, ~~se~~ mostra certa tendência dos homens do govêrno para a análise de temas culturais.

Referimo-nos ao regulamento referente à lei n. 784, que concede franquia postal a livros e publicações enviados diretamente às bibliotecas públicas e instituições educativas de qualquer região do país.

E com a esperança de que o govêrno se debruce mais frequentemente sôbre problemas de tal importância que registramos o fato.

rotina, JASON já se submeteu so, para os papéis de "Hamlet" e "Cyrano de Bergerac".

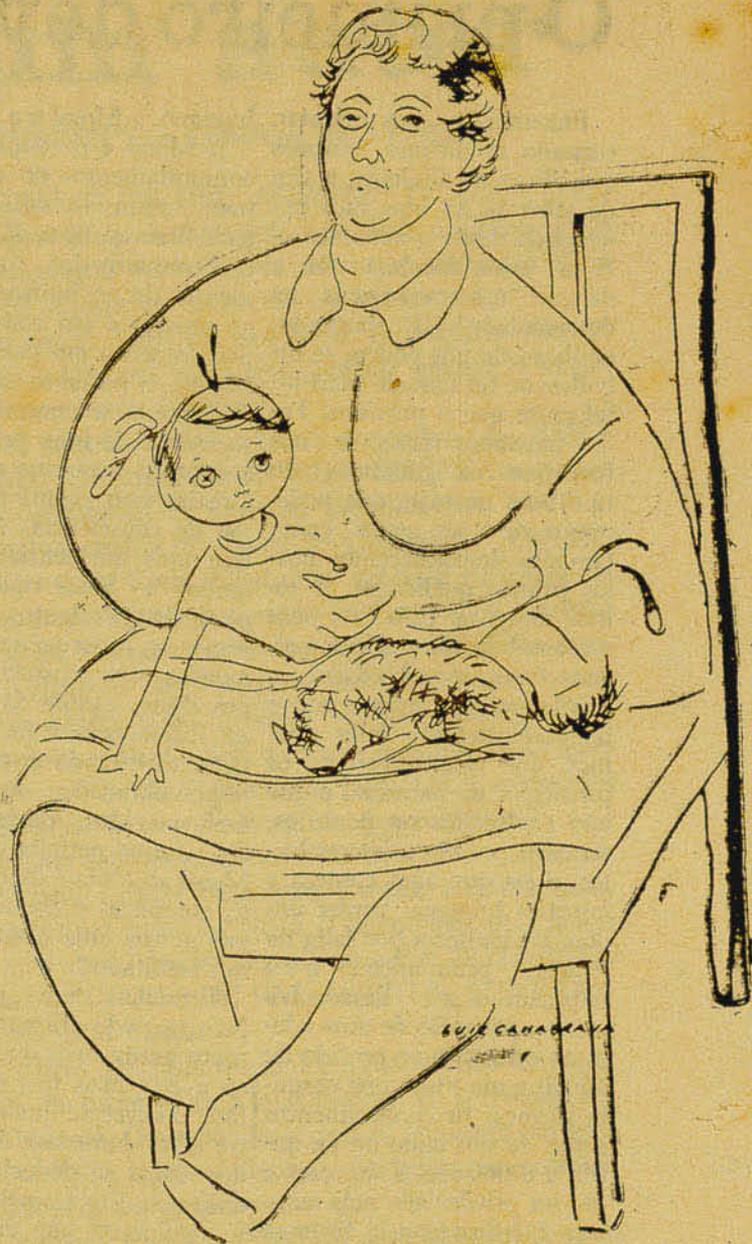


JASON CESAR

Há dois meses, JASON CESAR, dos mais talentosos representantes da nova geração catarinense, encontra-se no Rio. Lá permanecerá, ainda, seis meses, um ano, ou mais; o tempo suficiente para sua completa formação artística.

JASON, a convite de Pascoal Carlos Magno, faz um curso no Teatro do Estudante do Brasil.

Ao lado dos seus estudos de a testes, dos quais safu vitorio-



"MULHER, GATO E CRIANÇA"

Desenho a nanquim de LUIZ CANABRAVA

FUGA

ÉLCIO XAVIER

Sentir a luz no sangue,
o conhecimento do espaço
e a transfiguração do tempo.
Planar entre finas ondulações
do desejo sempre refeito
como tardes em brancas praias.
Correr na escala dos sons
em hora de sinfonia.
Perder-se entre colunas,
tendo na frente a grinalda
de verdes folhas de louro.
Ser cais, onde aportam naus
vindas de prais sem mortos,
sem remorsos e pensamentos.

ADICIONAIS NA DEPENDENCIA DA MENSAGEM DO AUMENTO

Para a sessão de ontem da Câmara era esperado o início da discussão dos Estatutos dos Funcionários, colocado em 8º lugar no avulso. O sr. Muniz Falcão havia requerido urgência para a matéria, mas não logrou despacho favorável do sr. Nereu Ramos. Em face da decisão da Mesa, no caso irrecorrível, o representante alagoano resolveu apresentar outro requerimento, mas de preferência, o que foi aprovado. Desse modo, somente depois de esgotada a lista das matérias em regime de urgência, entrará o projeto dos Estatutos em discussão, passando à frente apenas dos demais projetos em regime de andamento normal.

Entretanto, prosseguem os entendimentos liderados pelo sr. Gustavo Capanema para um acordo em torno da questão das gratificações adicionais, cuja solução dependerá ainda do que o presidente da República resolver no tocante ao aumento geral de vencimentos do funcionalismo público.

A já referida lista de matérias em regime de urgência foi ontem acrescida de mais os seguintes projetos: os referentes à inatividade dos militares; o que prevê sobre franquia postal-telegráfica e gratuidade nos serviços oficiais de imprensa em favor dos partidos políticos; o que in-

EVOLUÇÃO

Rio do Sul está de parabéns. Mais um órgão de imprensa se levanta com carbo, e ostenta aos olhos dos que creem em progresso, e espírito de realização, a revista intitulada "Evolução".

Recebemos o primeiro exemplar de "Evolução", e ficamos gratíssimos aos seus diretores e redatores.

Temos que consignar ainda, a perfeição, o belo formato e boa distribuição dos artigos, reportagens e propagandas, que compõem a "Evolução".

Aos iniciadores da novel revista-barriga-verde, nosso estímulo e nosso voto sincero de prosperidade.

clui a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na categoria de estabelecimento subvencionado pela União; e o que cancela a cláusula de assiduidade integral nos dissídios relativos a aumento de salários dos trabalhadores. A urgência para o projeto dos militares foi requerida pelo sr. José Fleury; a dos dois projetos imediatos, pelo sr. Tarso Dutra; e a do último pelo sr. Lúcio Bittencourt.

Nota de Falecimento

A sociedade e o povo de Laguna sofreu grande abalo pelo falecimento do grande filho da terra, o sr. Eduardo Silva.

Foi, em toda a linha, o verdadeiro exemplo de probidade e honradas. Iniciou sua vida, enfrentando, desde tenra idade as privações que a existência lhe oferecia. Eduardo Silva não nasceu na opulência, nem em berços de ouro, mas soube, pela sua coragem e persistência vencer obstáculos e triunfar.

Exemplo de um bom pai e de um digno cidadão.

Distribuiu educação sólida aos seus filhos, e como fruto de uma orientação segura, em prol do futuro de seus filhos, destacamos, aqui em Florianópolis dois inteligentes moços: Zedar Perfeito da Silva e Acary Perfeito da Silva, ambos de projeção nos meios intelectuais e sociais da capital.

Ocupa, na cidade de Joinville, a alta função de Promotor Público daquela comarca, seu filho dr. Rid Perfeito da Silva; além desses, residem em Laguna, Ivano, formado Contador, e desempenha alto cargo no Banco Inco; Antônio e Ned, prestigiados industriários de Laguna, mais três filhas, dignas damas da sociedade lagunense, integram a virtuosa família Silva.

O diretor e os redatores de "O Tempo", externamos nosso sinal de pesar à família Silva enlutada.

Agradecimento

Os funcionários e técnicos dos Estabelecimentos José Daux S. A. Comercial e Empresa Cinematográfica Odeon Ltda., abaixo assinados, vêm tornar público seus agradecimentos aos dirigentes destas conceituadas firmas, pelo gesto altamente significativo que tiveram, logo após a assinatura do termo de acordo firmado com os estudantes de Florianópolis, mantendo nossos atuais ordenados, que haviam sido aumentados em 60%, desde 1º de agosto último, de acordo com o manifesto publicado na imprensa da capital.

Agradecendo a atitude altruística para com todos, nós empregados, queremos publicar publicamente a nossa irrestrita solidariedade e dedicação aos dirigentes das firmas acima.

Osmar Silva; Albino Ferrari Júnior; José Matos; Antônio Abreu; Arno Cunha; Francisco José da Rosa; Claudionor Souza; Romeu Vieira; Aldo Sell; Júlio Horário da Gama; Eurico Tolentino de Souza; José João dos Santos; João

Müller; Célio Jorge Pereira; Guilherme Silva; Ivo Rodrigues; Almiro Ramos; Waldemar Alves; Ana Vieira de Araújo; Sebastião Amaral; Rodolfo Valentim; Quilio Souza; Isidro Costa; Aloisio Ventura; Volney da Silva Millis; José Cardoso Martins; Maury Dutra; Carlos Vieira; Hamilton Adriani; Francisco Silva; Trajano Goulart; Hamilton Ramos; Hélio Luiz; Marçal de Jesus; Gumercindo Gonçalves; Raul Pinho de Oliveira; Ondir C. Macuco; Iolanda Pereira; Marcos Silva; Edgard Scheidt e E'rico da Silveira Penha.

Social

D. Felicidade Pereira

Dia 23 do corrente, transcorreu o aniversário natalício da sra. d. Felicidade Pereira.

Revestida de altas qualidades morais, d. Felicidade goza de boas amizades no meio em que convive.

"O Tempo", cumprimenta a distinta aniversariante, felicitando pela magna data natalícia.

PAULO MEDEIROS

ADOLFO MARINHO

Procedentes da Capital da República, encontram-se nesta cidade os nossos estimados conterrâneos srs. Paulo Medeiros e Adolfo Marinho.

Nossos cumprimentos e votos de feliz estada nesta Capital.

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE COMBATE AO CANCER E DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

CURA MILAGROSA

Bayeux, França, — Marie Barrett, paralítica, de 35 anos de idade, fez parte de uma peregrinação à Gruta de Santa Bernadette, em Londres, e ao regressar, ontem, após uma semana de ausência do seu lar, pôde caminhar pela primeira vez na sua vida adulta, sem necessitar de se apoiar em muletas.

O seu médico examinou-a antes da peregrinação e diagnosticou paralisia dos músculos da perna e braço direitos, havendo verificado agora que Maria Barrett está completamente curada.

As autoridades eclesiásticas, recusaram-se a comentar o caso antes do parecer da comissão médica especial. Se essa comissão não encontrar uma explicação científica para a cura, o caso será levado ao conhecimento das autoridades eclesiásticas superiores, cujo veredictum não será divulgado senão dentro de alguns anos.

“A casaca do vizinho é bonita?”

Professor Medeiros dos Santos Especial para “O TEMPO”

I — Dispõe — o Brasil — de abundante e variado material para, após as convenientes pesquisas e sistematizações, delinear a sua fisionomia política. Todavia, as elites dirigentes desprezam o material com o cheiro da terra, a prata da casa, mesmo que seja da melhor qualidade, e voltam as costas a uma realidade que está sendo divisada mesmo pelos míopes. Numa volúpia copiativa, consomem as maiores quantidades de papel carbonado. Tudo copiam, mesmo que se não ajustem à índole de nossa gente, à realidade de nossas condições e de nossa cultura.

A contextura política e econômica de nossa terra está adaptada a normas transplantadas para cá, sem a menor adaptação às possibilidades de absorção. Resulta daí um atrito — de um lado, um esgar no político-jurídico utópico e desprezado pelo povo-massa: é o direito-lei. Mais adiante, uma realidade atuante e imperiosa, gerando o direito-costume, sedimentado pela tradição e molhado de uso pelo povo-massa, mas ignorado da elite dirigente e legiferante. E o conflito continua, mesmo porque as imitações não cessam. Ainda agora (esta semana) o sr. T. Lynn Smith, Professor de Sociologia Rural da Universidade Estadual de Luisiana, a convite de nosso governo apresentou, ao sr. João Cleofas, um plano para ser aproveitado na “reforma agrária” no Brasil. O Prof. Lynn Smith é um especialista, um técnico e de obrada competência e experiência. Mas tudo isso baseia-se numa realidade que não a nossa.

Sobre o problema da terra, no Brasil, dispomos de excelentes trabalhos que, a despeito de não ressenderem o perume das sedutoras universidades da “Democracia do Norte”, oferecem o que há de mais objetivo e desejável, no momento. Foram elaborados com os olhos chumbados no nosso chão e com o coração pulsando pelo nosso caboclo. Mas são trabalhos de estudiosos e competentes do

Brasil! Crioulos e semi-basófias são os mestres Costa Pinto, João Gonçalves de Souza, grandes e apaixonados sabedores da sociologia rural brasileira. Mas lhes faltam os crachás e a prosópia das dominadoras cátedras...!

Há uns cinco anos passados, o Professor William H. Nicholls, da Universidade de Vanderbilt, em longa estada (por alguns anos no Brasil, estudando e lecionando sob os auspícios da Fundação Getúlio Vargas), elaborou um alentado, sensato e conclusivo estudo, intitulando-o **PESQUISAS BÁSICAS ECONÔMICAS E SOCIAIS NO BRASIL**.

Nada se aproveitou daí, como quase nada se praticou do estudo — **O PROBLEMA DA TERRA NO BRASIL**, de João Gonçalves de Souza.

Agora, sob as fanfarras da publicidade oficial e o histerismo insincero daqueles que tudo esperam da palavra de um técnico, quando este fala o nosso idioma com o sotaque de uma prosódia estrangeira, vamos receber o “plano” do Prof. Lynn Smith como se fosse o signo salomão, capaz de transformar a nossa débil, arcaica e confusa economia agrária, numa das sétimas maravilhas do universo! Marcaqueação?

“Si nos Estados Unidos assim resolveram o problema, porque nós haveremos de resolvê-lo de diferente forma?”

E’ o que dizem os apaixonados pela decalcomania! Esquecem-se ou ignoram da inexistência de conotação entre os fenômenos de lá e de cá. As estruturas econômicas, sociais e políticas dos EE. UU. são calcadas em realidades diferentes da nossa.

Não poderemos, sem grave atentado à verdade, comparar o pioneirismo, na fase de expansão populacional, nos Estados Unidos, com as bandeiras, na época das entradas, no Brasil. Nas entradas americanas dominava o pensamento de ir para não voltar. Nas nossas, ao contrário, era o pensamento de volta que embriagava as aventuras. Naquelas, predominava o espírito construtivo de povoamento,

nestas, o de captura, de preação e de apropriação. Com o pioneiro americano iam, além de sua família, os seus trastes e bens móveis, numa liquidação completa do passado. Pólvora, chumbo e correntes constituíam os petrechos dos nossos bandeirantes, pois eles iam à casa da índia. Enquanto o bandeirante brasileiro pretendia viver como gíngolô “do” sertão, o pioneiro americano se fixava “no” sertão. A um diplomata brasileiro, perguntaram qual a diferença entre a colonização dos Estados Unidos e a do Brasil. Numa síntese feliz e verdadeira, respondeu o representante do Itamarati: — “os Colonizadores que se dirigiram para os Estados Unidos levavam suas famílias. Iam transformar aquela terra em sua nova e definitiva pátria. Os Colonizadores que eram encaminhados para o Brasil, vinham sem suas famílias. Pretendiam saquear e voltar para gosar a vida faustiva, na Europa”.

A grande e fundamental diferença entre as duas nações reside em viver “do” sertão e “no” sertão.

II — Na ânsia de tudo imitar, nada escapava! Talvez por isso exista a crença de que a coisa mais fácil deste mundo, no Brasil, é “fazer” uma constituição. E’ o bastante pegar a constituição ianque e extrair daí o presidencialismo. Da constituição inglesa, aproveitar o parlamentarismo. E a francesa nos ofertaria o liberalismo. Por cima dessas cópias, se passaria o pincel de ligeiras escamoteações jurídicas.

A Constituição da Inglaterra não foi “feita”. Ela nasceu, cresceu e se tornou frondosa, tal como as plantas. Naturalmente e espontaneamente, vêm dando excelentes frutos. Mas para o sabor e apetite do povo inglês. A história da Inglaterra nos deixa em dúvida, desde que estudemos a formação do governo representativo. A pátria de Pitt contou com bons e más reis. Porém, olhando-se para o que ela possui de bom, não se sabe, de pronto, a quem mais ela deve, si a um João Sem Terra ou a um Eduardo III.

A Constituição dos Estados Unidos originou-se da necessidade e conveniência de dar forma e unidade a um Estado, feito de vários Estados independentes, aparando-se-lhes a soberania, exclusivamente até onde fosse preciso à organização política da Confederação. Aqui — no Brasil —, a constituição que deu forma política à República orientou-se, como não poderia deixar de ser, em dar autonomia política aos Estados. Os Estados que integraram à República brasileira receberam, pela Constituição de 91, a autonomia de que necessitavam mas não dispunham. Ao contrário, nos Estados Unidos, a outorga foi dos Estados para a União. Enquanto lá, os poderes não retidos pelos Estados, ou a eles vedados pela constituição, entendem-se transmitidos à União; no Brasil, com idêntica autoridade histórica, não poderá subsistir o preceito.

Os Estados-membros, no Brasil, constituíram-se por outorga da nação, de sorte que as linhas demarcatórias de seus poderes estão sempre balizados pela Carta que os conferiu. Centrípeto foi aqui o movimento constitucional, ao contrário de lá, em que foi centrípeto.

Eis a razão fundamental das diferenças entre a gênese constitucional do Brasil republicano e dos EE. UU. da Convenção de Filadélfia.

Em alguns Estados-membros — na América do Norte — os secretários de Estado são eleitos e, em outros, os juizes também o são, dentro de um limite de tempo, como se exercêssem mandato popular. E’ única e federal, no Brasil, a legislação eleitoral, civil, penal e processual (como, atualmente, as normas gerais de direito financeiro). Assim não ocorre nos Estados Unidos, onde, face aquele princípio diretor, diversos são os direitos penais, civis, processuais e eleitorais. Cada Estado, ademais, adota seu sistema de sufrágio e as franquias eleitorais, respeitando, quanto às últimas, os manda-

(Continúa na pág. 11)

“A CASACA DO VISINHO É BONITA?”

(Continuação da pág. 10)

mentos das emendas 15ª e 19ª. Estas emendas não tole-ram sejam negados ou cerceados, por motivo de raça, cõr, sexo e prévia condição servil, os direitos de sufrágio e as franquias eleitorais.

III — E' extenso, histórico, profundo e constante o conflito entre as elites teorizantes, fazendo as leis por mimetismo, e as massas pragmáticas e de precário nível político, executando praxes, normas, usos e costumes não recolhidos pelas leis escritas.

No estudo que estamos levando a cabo — (O ELEITORADO DE CÂBRETO E AS LEGENDAS PARTIDARIAS) —, fundamentado nos elementos homólogos — os “clãs feudais” e os “clãs parentais”, como infra-estrutura dos clãs eleitorais”, daremos desenvolvimento a tese de que não dispomos de “correntes de opinião”, tal como diagnostica a psicologia social, como fulcro dos partidos “sem caudilhos e sem tesouros”.

Ao contrato do talento de escol do saudoso mestre Oliveira Viana, que tem sido na nossa terra uma síntese de ALBERTO TORRES, sem o teorismo, e de EUCLIDES DA CUNHA, sem o tecnicismo, a ganga bruta dos costumes, tradições e da cultura de nossa gente tomou forma e se projetou para dentro dos estudos políticos, através de uma ciência social.

O pensador recentemente falecido (em 28-3-951), com o seu extraordinário poder de síntese, peculiar às organizações intelectuais sistematizadas, traçou o seguinte diagnóstico:

- 1) Na vida política de nosso povo, há um direito público elaborado pelas elites e que se acha concretizado na Constituição.
- 2) Este direito público, elaborado pelas elites, está em divergência com o direito elaborado pelo povo-massa e, no conflito

aberto por esta divergência, é o direito do povo-massa que tem prevalecido, praticamente.

- 3) Tôda a dramaticidade da nossa história política está no esforço improficuo das elites para obrigar o povo-massa a praticar êste direito por elas elaborado, mas que o povo-massa desconhece e a que se recusa obedecer.

Muito fácil seria “fazer” uma lei, apenas aspeando um texto já elaborado alhures. Mais difícil um pouco, todavia, si tivermos de extraí-la dos costumes, dos modos correntes de vivência do povo, nas suas tradições religiosas ou sociais. Ainda mais si tivermos de pedir à consciência e à sensibilidade de cada membro das comunidades, sob a forma imanente de hábitos ou de outros “complexos psicológicos”.

E' ainda o saudoso mestre fluminense que, com a simplicidade e agudeza de sua crítica, nos diz o que é uma Lei, uma Constituição ou uma “Charta”. Ela emana dos costumes, e os homens, que a executam, trazem-na, não no bõlso, escrita num livrinho chamado Constituição; não debaixo do sovaco, num tratado de lombada vistosa, em língua inglesa ou francesa, chamado Comentários; mas, nos seus próprios nervos, na sua sensibilidade, nos seus neurônios, nos lóbulos da sua memória, no recesso subconsciente da sua personalidade espiritual.

A casaca do visinho é bonita? Mas porque não usarmos nosso paletó saco, muito mais conforme com o fundo agreste de nosso povo?

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE COMBATE AO CANCER E DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

A MARCHA DO TEMPO A DECADÊNCIA DA AGRICULTURA ESTÁ ARRUINANDO O GOVERNO DE VARGAS

MARIO FREYESLEBEN

Dentre os grandes e complexos problemas que estão desafiando a administração atual do nosso país, a decadência impressionante da agricultura ocupa lugar de relevo, obstruindo completamente a pouca operosidade verificada no governo de Vargas, que ainda não justificou a sua ascensão ao Catete.

O profundo desamparo que vêm sofrendo a agricultura no Brasil, graças a inércia de um governo apático, tudo faz crer que dentro de poucos anos, estaremos importando os mais simples produtos agrícolas, num atestado bastante significativo de que as nossas possibilidades econômicas jamais ultrapassarão a falsa crença de um futuro risonho para a mais poderosa das nações sulamericanas.

Vargas, eleito pela maioria do povo brasileiro, mas, sem o apóio da elite nacional, (no caso, elite não representa bloco financeiro) ainda não quis imitar o programa que deu ao governo do saudoso estadista norte-americano Franklin D. Roosevelt, todo o êxito de sua fecunda administração: “amparo completo à lavoura, com a sua mecanização”.

O desenvolvimento agrícola, de veras notavel nos Estados Unidos, proporcionou àquele país, uma posição econômica invejável no concêrto das demais nações da terra.

Os colonos brasileiros, desamparados e extorquidos em seus direitos, alvos de constantes explorações, estão se desinteressando pelo cultivo do solo e preferindo tentar a vida no sistema das grandes metrópoles. As terras abandonadas não poderão ficar sem ocupantes e, não será motivo de surpresa, se as classes abastadas, adquirindo as glebas, estabelecerem completo domínio do sector agrícola nacional, ditando normas para o consumo dos seus produtos, num “trust” intemo de imensas proporções, que prejudicará sensivelmente a já depauperada economia popular.

Disse o grande catedrático em direito político, Gilberto Amado, numa de suas apreciadas obras: “Nós somos responsáveis pelo mais belo pedaço do planeta; nós temos em nossas mãos um dos mais ricos patrimônios da humanidade. Temos que polir e facetar o maior e mais admirável diamante do mundo, aumentar-lhe o valor, afinar-lhe as arestas para que êle dê, aos olhos de Deus e do mundo, tôda a sua luz. Não o estraguemos com os instrumentos de umos ~~simples~~ brinca e primitiva. tenhamos a mão sábia no tocar essa peça prodigiosa e usemos para acabar nossa obra, os aparelhos modernos preparados pela ciência, manejados pelos experientes, pelos inteligentes, pelos capazes”.

A agricultura poderia ser o esteio econômico do país, se não estivesse sendo a verdadeira ruína do governo de Vargas!



Richard M. Nixon, senador norte-americano eleito pelo Estado da California, é o candidato do Partido Republicano ao cargo de vice-presidente dos Estados Unidos. — (FOTO USIS).

Embora com resultados promissores, ainda não é a cura do câncer

EXPLICAÇÕES DO DR. SÉRGIO DE AZEVEDO BARROS SOBRE A NOVA DROGA DE SUA DESCOBERTA

Centenas de cartas da Europa, da América do Sul e até mesmo do Oriente Próximo, têm chegado ao Serviço Nacional do Câncer, nos últimos dias, contendo apelos dramáticos de cancerosos que buscam alívio para o seu mal e querem experimentar a nova droga estudada pelo dr. Sergio Barros de Azevedo e que foi anunciada como capaz de

curar o câncer. Também do Brasil não é pequena a correspondência e alguns doentes, de maiores recursos, têm vindo ao Rio procurar pessoalmente o dr. Sergio, para tratar-se com ele.

Mas foi o próprio cientista patricio quem disse, na sede do S. N. C., ter havido equívoco ou mal entendido do jornalista, ao atribuir-lhe

afirmativas demasiado otimistas com referência à cura do terrível mal.

— Nunca, como cancerologista e revestido da autoridade do cargo que exerce, de diretor substituto do Serviço do Câncer, poderia adiantar tal afirmativa, dando vãs esperanças a doentes incuráveis e desviando outros tantos, ainda recuperáveis, dos trata-

mentos clássicos, que, como se sabe, dão uma porcentagem apreciável nos períodos iniciais da doença.

O dr. Sergio de Azevedo Barros, é um estudioso dos problemas do câncer, tendo participado de vários congressos, como representante do Brasil e escrito trabalhos sobre o assunto. Desde 1938, quando da criação do S. N. C., vem colaborando com o dr. Mario Kroeff e realizando pesquisas, de ordem geral, principalmente nos casos muito avançados da doença e tidos como fora de qualquer possibilidade de cura pela terapêutica clássica (raios X, radium e cirurgia). Nestas pesquisas em companhia do dr. Paulo Proença, tem utilizado substâncias de natureza as mais diversas, com maior ou menor êxito e ultimamente, fixou-se num determinado que está apresentando resultados promissores, tanto no câncer experimental dos animais como mesmo em certas formas e localizações do câncer humano.

Estes resultados consistem no alívio das dores e desaparecimento de alguns sintomas, mas isto não significa que tenha chegado à cura do câncer, mesmo porque, conforme acentuou para a nossa reportagem, "tais resultados são insuficientes para positivar os requisitos exigidos pela ciência, para a cura do terrível flagelo".

O dr. Sergio de Azevedo Barros, tem sido instado, por todas as maneiras, a ceder a nova substância citotóxica para tratamentos experimentotóxica, mas esclareceu que a mesma ainda não pode ser fornecida ao público, atendendo a razões de ordem técnica, não havendo propriamente fabricação mas sim obtenção, em quantidades mínimas do estritamente necessário para prosseguimento, nos hospitais e laboratórios, das pesquisas ora levadas a efeito, sob o mais rigoroso controle científico. Ademais, segundo nos informou, a nova droga altera-se facilmente e a sua aplicação no ser humano depende da localização, forma, natureza e tipo do tumor maligno.

T.A.C.

AGORA COM

25%

DE

DESCONTO



Transportes Aéreos CATARINENSE S/A

RIO
SANTOS
PARANAGUA
CURITIBA
JOINVILLE
ITAJAÍ
FLORIANÓPOLIS
LAGUNA
TUBARÃO
LAJES
PORTO ALEGRE



Aviões Mixtos

DIARIAMENTE

In... Discreções

A vitória dos estudantes catarinenses, que resaltou na baixa nos preços dos cinemas da Capital, foi o ponto de partida para novas campanhas com objetivos nobres, quais sejam os de defesa da coletividade contra quantos, não satisfeitos com os lucros em vigor, desejarem mais e mais dinheiro, esquecendo que o povo não pode mais suportar o peso de tantas barbaridades...

A reação é bem um aviso-prévio. O povo não se contenta mais com os discursos demagógicos... Não cruza e não cruzará jamais os braços para assistir, impassível a passeata daqueles que se locupletam com o suor do consumidor, até fazer verter sangue... O exemplo que deram os estudantes florianopolitanos, aos que tubaroneiam mercadorias, é espelho da formação do caráter da mocidade de hoje. Para esse exemplo devem atentar quantos ainda por aí vivem pensando em remarcação de preços... A juventude catarinense, mais uma vez, soube honrar as tradições de coragem e de disciplina da gente barriga-verde, levando à frente uma greve, bem organizada e melhor orientada, que culminou com a vitória do povo contra abusos de senhores de engenho...

Ficou esse exemplo, que é advertência aos que pretendem majorar preços em artigos distribuídos ao público, mediante cruzeiros... Os estudantes contam com o povo e contra o povo não há quem se meta, para usarmos o verbo do próprio povo...

X X X

Falam por aí, já o havendo anunciado o jornal O ESTADO, que o sr. Apolônio Bouret, Presidente da COAP, seguiu para Porto Alegre, afim de, com o seu colega riograndense, estudar possibilidades de ser fornecido gado bovino para o consumo de carne verde à população da Capital.

Está aí, nessa lacônica notícia, desvendado o propósito do sr. Elyseu Di Bernardi, o marchante do fornecimento desse produto ao povo de Florianópolis. Está aí grave denúncia — o preço da carne vai aumentar, na dura!

O sr. Di Bernardi, que há 30 anos vem negociando com o comércio de carnes, toda vez que pensa em aumentar o preço do produto, vem logo para a rua afirmar que "o negócio não dá lucro... Há 30 anos que vem perdendo... Que fortuna fabulosa a desse pacato cidadão, que perde sempre, há 30 anos... e ainda vive, bem...

Nada lhe restará, no caso de se confirmar o que espera, porque já o requereu à COAP, segundo se informa, senão aguardar os acontecimentos, que serão os de reação da massa...

Desta feita, a ordem será cumprida, contra aqueles que não estão satisfeitos em serem os *primos felizes*, com a prática da teoria de aumentar sempre...

Será mais uma vitória da classe estudantil, em Santa Catarina, não há dúvida.

C. AZAR

Naquela manhã, pletórica de sol, quando tudo vibrava em derredor e a passarada chilreava e saltitava pelos ramos frondosos; quando sombras fagueiras e acolhedoras, derramavam-se pelos caminhos largos — ela passou como num sonho.

Que andaria fazendo naqueles êrmos, dentro da natureza majestosa?

Talvez perdida em seus devaneios, longe da fazenda rica e farta!

Talvez fugindo ao encontro marcado com aquele desmiolado, que tanto ferira a meiga jovem, com suas maluquices e estrôinices idiotas!

O fato é que ela passou pisando devagar pelos caminhos.

Bandos de aves pequeninas esvoaçavam por cima dela e rasteiros passavam sobre seus cabelos doirados, como que

...E ela passou!

querendo beijá-los!

O espetáculo era magnífico!

A moldura das lombadas lá para frente, as pastagens verdes e beirando as imensas cercas mal seguras, um regato muito límpido corria sempre um lago fronteiro, que se encravara entre as lombadas!

E ela passou cantando e como que dançando e sacudindo o manto vermelho!

Seus lábios abertos para a alegria de viver; seus olhos brilhando e crispando o calor da juventude!

Tudo nela era um hino à beleza, com seu magnetismo infinitamente avassalador.

E quando ela passou, arras-

tou consigo toda a suntuosidade majestosa da natureza e a vida parou atrás de si.

Longe, já dentro do frágil barco, ela começou a remar e varou o lago tranquilo com uma celeridade incrível e tudo se agitou com a presença dela.

O lago contorceu-se todo, enrugou seu dorso e as margens serenas viram as águas subirem com voluptua, lambendo-lhes nervosamente, agiadamente.

Na outra margem, escondido entre pequenos arbustos, êle lá estava mirando-a satanicamente e nem bem ela pisou firme o sólo, êle saltou em sua frente e gritou-lhe sorrindo — "Aqui estou Marília!"

e agarrou-a brutalmente!

Antes nunca tivesse feito isso!

O susto que ela levou foi tamanho, que Marília saiu correndo como doida e foi cair exausta e quase sem vida, dentro do vetusto solar dos Marcondes...

Os anos correram e ela hoje é a dona absoluta daquele solar onde homem algum, com pretensões amorosas, jamais pisou!

O episódio ferira Marília.

Apavorára Marília.

Os homens foram afastados de sua vida.

E ela continua vivendo como num sonho bom, na rememoração de seus verdes anos...

Antônio Sbissa,

Conta-Gotas

Osmar Silva

Sabe lá o que é isso?

Um cidadão trajando roupa de casimira, gravata, chapéu e capa e de enxada na mão tapando enorme cratera na rua, defronte à sua residência?!

Sabe lá o que é isso?

Pois eu sei.

E o sr. Prefeito Municipal também sabe.

x x x

O cidadão de capa e enxada é meu vizinho e a rua, como não poderia deixar de ser, é a Duarte Schutel, que se orgulha de ser ~~uma~~ esburacada da cidade.

Se a rua Duarte Schutel falasse, diria para os seus buracos:

"Os homens dizem que a vida é um buraco. E eu, que vou dizer?"

x x x

Se o trânsito para automóveis e outras viaturas fôsse fechado, na rua Duarte Schutel, nós, os moradores poderíamos prestar à Prefeitura um valioso serviço.

Plantaríamos em cada buraco sementes de flores ou de verduras. Transformaríamos a rua num belíssimo jardim ou numa originalíssima horta.

De um modo ou de outro seria uma sensacional atração turística.

Palavra como valia a pena experimentar!

x x x

A rua, no momento, está sendo remendada. Uma turma de trabalhadores está *estrumando* os buracos.

Depois das próximas chuvás poderíamos iniciar a plantação.

O reporter Esso deu a *nôva* sensacional:

"Manteiga dinamarquesa vendida no Rio em pacotes de 250 gramas *bem pesados* (o grifo estava na voz do reporter) e por preço inferior ao nacional. E manteiga de primeira qualidade!"

É incrível que se possa, neste país, importar manteiga e outros produtos e vendê-los por preço inferior aos que fabricamos. Essa anomalia pode revoltar a consciência de muita gente, mas se bradásemos à consciência nacional, ela nos responderia:

— Não pôsso atender. Estou na fila. Vou comprar manteiga da Dinamarca!

x x x

Importamos a manteiga, o trigo e muitos outros produtos destinados à alimentação.

INGLÊS PRÁTICO PELO MÉTODO RÁPIDO E MODERNO

(Fonética Internacional)

PROFESSOR BOUSON

Praça 15 de Novembro, 20 — 2º andar.

O TEMPO é um jornal sempre amigo dos amigos do povo, sempre inimigo dos inimigos do povo. Procure mante-lo livre e independente sem ligações políticas com quaisquer partidos, como si fôra uma antena do próprio povo. Para isso, solicite uma assinatura anual, enviando-nos Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) e preenchendo o certificado abaixo:

Nome

Rua e numero

Cidade

Estado

Importante: Faça a sua remessa exclusivamente para a Direção de "O TEMPO".

Rua Arcipreste Paiva, 5 — Cx. Postal 269.

Florianópolis — Santa Catarina

Importamos quase tudo e só com o que é nosso pouco ou nada nos importamos.

x x x

Consumado o aumento dos aluguéis dos próprios municipais do Mercado Público.

Estive vendo um dos talões de pagamento.

Anterior: Cr\$ 425,00.

Atual aluguél: Cr\$ 842,50.

Um aumento, como se vê, de cêrca de cem por cento.

E se os proprietários de casas residenciais pretendem seguir o máu exemplo da Prefeitura?

x x x

A cidade de São Paulo foi abalada com uma série de crimes monstruosos cometidos contra crianças indefesas.

A polícia, vendo-se em ^{as} ~~perigo~~ de aranha para solucionar o mistério, perguntava:

— "Será o Benedito?"

E pela primeira vez acertou: o criminoso, já às voltas com a justiça, chama-se Benedito Moreira de Carvalho, o "Monstro Louro", como já foi cognominado.

x x x

Encontrei aquele colega cheio da gaita.

Acostumado a vê-lo sempre na quebradeira, perguntei:

— Que é que houve?

Jornalista com dinheiro, para mim é novidade!

E êle muito sério:

— Estou com dinheiro porque deixei o jornalismo!

Mensagem da Roça

Meu caro deputado Francisco Mascarenhas.

Antes de mais nada, permita-me excluir o tratamento cerimonioso que lhe devo. Assim, ficarei mais à vontade e embora guardando o devido respeito, terei mais liberdade, serei mais franco, mais leal mesmo.

Primeiramente, devo apresentar-me: sou um pobre escrivão, fazendo ginástica para viver estes tempos de carestia tremenda. Sou, afinal, um pobre diabo, cujos títulos públicos, a não ser o de meu cargo, são tão somente o certificado de reservista, o título de eleitor e o atestado de vacina. Sim, às vezes também sou "jornalista", não na pena mas na calça surrada bem passada á ferro e na pasta de couro ruço, traje trivial de ambas as profissões. Feito o meu instantâneo, vamos ao assunto, ao "x", ao dodói da classe — se me permite — e que é esse projeto sobre a aposentadoria dos serventúrios de Justiça, apresentado em 14 de Novembro do ano passado pelos meus felizes colegas Olívio Nóbrega, João Caruso Mac Donald e Manoel Siqueira Belo. O ilustre deputado, cujos discursos sempre me simpatisaram, houve por bem, como relator na Comissão de Finanças, julgar essa proposição inconstitucional. Pois bem; não discuto, não desaprovo e nem aprovo esse julgamento porque afinal não sou doutor no assunto e melhor dizendo; dêle nada entendo. Entretanto, se eu o colocar no terreno da necessidade, da justiça e da oportunidade, verá o ilustre e digno parlamentar que sobra-nos razões — a mim e aos meus colegas — para que reclamemos a sua aprovação, ainda mais quando se sabe que o Estado lucrará com isso, não só no mérito como materialmente, pois dará amparo a uma classe laboriosa, como ainda guardará os lucros, a sobra daquilo que lhe vamos dar em troca de uma velhice sem grandes preocupações. Talvez o nobre deputado esteja cético diante desta confissão.

Mas vamos lá: arredondemos o número de serventúrios de Justiça no Estado para 400. Levando-se em conta,

para argumentar, que em média cada um percebe Cr\$ 3.000,00 por mês, já aí teremos, 8% de taxa, Cr\$ 1.052.000,00 anuais. Desse 400, vamos dizer que 300 sejam oficiais do registro civil e como, pela Organização Judiciária onde não houver escrivão da polícia cabem a eles exercerem as funções gratuitamente e calculando-se que, pelo menos, 250 desses servidores exerçam tais encargos e considerando-se os proventos do escrivão privativo da polícia na base de Cr\$ 1.000,00 mensais, teremos assim uma economia de Cr\$ 3.000.000,00. E prosseguimos, onde há escrivão da polícia privativo do cargo, há também a sua sala de trabalho. Vamos dizer que o aluguel de cada sala custe ao Estado Cr\$ 100,00 por mês. Logo, 250 oficiais do registro civil pagando do seu bolso o aluguel da sala onde está a delegacia — contígua ao seu cartório — resultarão, na roda do ano, em mais Cr\$ 300.000,00. Do mesmo modo é o material de expediente, que feito na mesma base, resulta em outros Cr\$ 300.000,00. Os escrivães nomeados para a polícia, têm direito ao salário família. Nós, não. Assim, dando-se a média de três dependentes para cada servidor, num importe de Cr\$ 150,00 por mês, os 250 economizam ao Estado, Cr\$ 450.000,00 anuais. Temos ainda as férias, pois o escrivão pago pelo Estado quando as goza, deixa outro, também pago, em seu lugar. Nós, "néca". Economia: Cr\$ 250.000,00 por ano. Além disso, fizemos a estatística, serviço escolar, militar, eleitoral, para fins de abono familiar e pessoas pobres, e tudo isso mais gravado com a clausula da gratuidade. Somando-se, alcançaremos a cifra de Cr\$ 5.352.000,00 — CINCO MILHÕES, TRESENTOS E CINCOCENTA E DOIS MIL CRUZEIROS. Não é evidente o lucro do Estado? Para consumirmos toda a verba economizada, seria necessário que a metade dos escrivães estivessem aposentados. Mas pelo que sei, a turma é dura, leva no cargo a vida toda e quando chega a aposentar-se, já está velho, tão

A INFLUÊNCIA DAS "COMIDAS" NA PSICOLOGIA MODERNA

Oswaldo Melo

Não me culpem da extravagância dêste título. A coisa vem de longe...

A Enciclopédia de Arte Culinária, que é um livro de "doutores" no assunto, coloca nos neste dilema: — ou sabemos alguma coisa ou nada sabemos a respeito dessa "Arte".

Nesta altura dos acontecimentos, como diz meu amigo Cântico, a gente começa a compreender até mesmo a influência direta dessa arte na psicologia moderna.

De lá colhemos transcrito de um número da Revista Literária e Bibliográfica denominada PRETO E BRANCO, vários elementos interessantes para esta crônica.

Você sabia, leitor amigo, que o escritor Êça de Queiroz, escreveu certa vez um artigo concernente a um dos ramos dessa arte?

Pois, não se espante. É' dele um artigo sob o título: Cozinha Arqueológica.

Disse êle: — O sabor de um pitê dá uma idéia mais completa do povo que o preferido que a forma de uma lança e de um jarro. O homem põe tanto de seu caráter e de sua individualidade nas invenções da cozinha como nas da arte. O Partenon, a Venus de Milo e as Anacreonticas dão menos a idéia da doçura, da graça, da delicadeza, da ligeireza dos atenienses, do que aquela sua sobrezeza tão predileta e que consistia em maçãs cozidas, desfiadas em mel, depois cozinhadas em fôlhas de rosa".

Depois disto, há aqui no Brasil Herman Lima num ensaio sobre Comidas Baianas.

Até sociólogos têm feito pesquisas sobre nossa cozinha regional.

E, lemos ainda lá: — Os romancistas nordestinos como José Lins do Rego em seu Ciclo da Cana-de-Açúcar, Raquel de Queiroz, Domingos Olimpo e José Américo de Almeida focalizaram o drama da fome na época da seca, mas por outro lado, poetas como Jorge de Lima, Joaquim Cardoso e outros, lembram a exuberância e a fartura na época das chuvas".

Tudo isso, pensamos, tem igualmente uma influência psicológica. Ou não tem? Que cada um decida, diante, por exemplo de uma churrascada, cuja significação e finalidade nos dias de hoje, diz tudo. Muito mais do que eu poderia dizer... muito mais do que D. Benta no seu tratado de Arte Culinária, onde vai buscar excelentes quilufes que enfeitam nossos pratos e satisfazem esse grande pitife que se chama estomago!

Perdoe-me você, amigo. Mas, nesta alta de preços, falar em comidas é bom...

Essas comidas diferem muito de outras comidas, daquelas, por exemplo que não são tabeladas e que têm a força e a tendência psicológica de uma nova Arte...

acabadinho mesmo que não coragem. Mas para respeitá-la, não é preciso negar o que estamos pedindo no pro étio.

Meu ilustre, digno e nobre deputado Mascarenhas.

Medite um pouco sobre o que lhe digo. Não lhe vou pedir, é certo, o desrespeito à Constituição, porque nem eu nem o senhor teríamos essa

Respeitosamente,
Alirio Bossle.

Triste é a realidade...

DIB CHEREM

Não sei porque cargas d'água naquele dia eu sentia vontade de dizer alguma coisa ao público, falar bem alto, criticar o governo, discursar, protestar, gritar aos quatro ventos... Tão logo vi-me num agrupamento de meia dúzia de pessoas, ensaiei alguns gestos dramáticos, atitudes patéticas e soltei o verbo inflamado. "Porque, meus senhores, neste país tudo está em precárias condições. Vejam o horroroso estado das nossas estradas que dificultam os meios de transporte..." De repente, não sei explicar como, uma coisa qual rajada de vento arrastou-me para um lugar distante e quando tomei fôlego vislumbrei uma esplêndida estrada asfaltada (dessas que aparecem no cinema americano com uns vinte metros de largura), onde poderosos caminhões transitavam abarrotados de sacas de trigo e de outros gêneros de primeira necessidade. Uma voz que não consegui identificar, pronunciou-se: "E' esta a nova estrada do oeste que vai até São Francisco, agora o maior porto do sul do Brasil". Um pouco aterrorizado com aquela surpresa, eu pensava intimamente: "Isso não é nada. Não fizeram mais do que a obrigação". E aquele meu ímpeto patriótico manifestou-se mais forte. Eu precisava falar, gritar, discursar, protestar...

Eis-me outra vez na tribuna! "Nesta terra, onde a educação é mínima, onde há milhares de analfabetos, é preciso que o povo reaja". Súbito, sem dar pela coisa, encontrava-me numa vasta sala ministerial, ali os homens elegantes e bem trajados, com poses de deputados e senadores, cumprimentavam-se alegremente. Pelos meus tímpanos, passaram as seguinte palavras: "Brasileiros: estamos todos de parabens. O último analfabeto que existia neste país acaba de ser matriculado no Curso de Educação de Adultos". Não, não parecia verdade... Eu ficara pasmado, apavorado... Aquilo até parecia brincadeira... Não era possível... Mas eu ouvia e via com estes ouvidos e olhos que o Todo Poderoso me deu! Ah! há ainda muita coisa errada. Não me conformaria tão facilmente... Outra vez, resquícios do ardor anterior apoderaram-se de mim...

O meu auditório ainda estava firme e solidário. E agora minha voz fez-se mais alta e mais forte. "E que dizem desse escandaloso inquérito do Banco do Brasil? Não respondem, hein? Todos são comparsas..." Mal terminara a última palavra e um jornal fora parar em minhas mãos. Li apenas o título principal: "O INQUÉRITO DO BANCO DO BRASIL, VEIO PROVAR QUE NÃO PROCEDEM AS ACUSAÇÕES CONTRA O MODELAR ESTABELECIMENTO". Naquela altura eu bufava de raiva, e não parei: "Diariamente milhares de pessoas morrem neste país por falta de hospitais. Os leitos são as calçadas e as cobertas o sereno". De repente — ainda atordoado com as últimas emoções — fui levado, misteriosamente para um vastíssimo e moderno hospital, onde dois médicos conversavam: "Há três meses que estamos com cem leitos vazios esperando doentes e ninguém aparece. Será que não há mais doentes nesta terra?". Não! Aquilo era demais! Era brincadeira ou macumba ou estava eu ficando louco... Dai por diante fiquei alucinado e meu cérebro, meio confuso, em conjecturas imprevisíveis, arquitetara piano digno de Machiavelli.

Não, não me dei por vencido. Mil vezes não... A vingança já estava articulada. Desta éles não iriam escapar. Um riso sarcástico brotou em meus lábios e esfreguei as mãos de contente. "Ah! éles vão me pagar. Pensam que iludem assim tão facilmente ao povo". Reiniciei minha oração com mais entusiasmo e mais ardor do que nunca. O auditório aumentava consideravelmente e minha palavra cada vez mais se inflamava. Estava perto o momento de lançar a bomba. Com todas as forças dos meus pulmões e num arroubo de eloquência, bradei: "E o pobre Barnabé que vive miseravelmente a implorar o aumento O Barnabé..." Repeti para que todos gravassem: "O Barnabé..." O que acontecia? O povo dispersava e ria... O que era? O que poderia ser?... Olhei para o lado e... fiquei petrificado, mumificado... Barnabé, de "smooking", cravo na lapela e cartela, descia dum autêntico "Rabo de Peixe", cumprimentava todos... Aquilo estava muito além da minha inteligência e do meu raciocínio. Senti as coisas rodarem ao redor, comecei a suar frio, enquanto ainda sorria o Barnabé. Minha vista escureceu e inespe-

radamente... acordei.

Ao meu lado, o jornal do dia destacava os seguintes tópicos: EM PRECÁRIAS CONDIÇÕES AS ESTRADAS NACIONAIS. AUMENTA DIA A DIA O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DE MENORES E ADULTOS. MILHARES DE PESSOAS MORREM POR FALTA DE LEITOS HOSPITALARES. LAFER PRECONIZA O REGIME DE COMPRESSÃO DE DESPESAS.

Virei-me para o lado e disse com meu botões: "Como é triste a realidade..."

Revmo. Pe. Bertoldo Braun



Dia 21 do corrente, trouxe consigo o aniversário natalício do Revmo. Padre, Braun, virtuoso sacerdote da Ordem Regular dos Padres Jesuitas.

S. Revma. é bastante conhecido dos florianopolitanos, dado a sua maneira amigável e cordata de tratar a todos. Pe. Braun, é atualmente o diretor do quinzenário católico "O Apostólo"; muito tem trabalhado S. Revma. pelo desenvolvimento, sempre mais crescente da imprensa moralizadora.

Emérito mestre de Biologia, já tem se destacado bastante entre a mocidade estudantina de nossa capital.

Ao Padre Braun, por essa coluna, apresentamos nossos cumprimentos, pela passagem de seu aniversário.

PERFIL DA SEMANA

R. B.

Não confundam as iniciais com o grande e imperecível tribuno baiano. Não, entant^o leitores, a cultura e o fulgurante talento do magistral vult^o de ^oleiteiro não eram muito mais vastos do que os que tem demonstrado possuir, infinitas vèzes, este R. B. Seus alunos o admiram como se admira a um gênio e o respeitam como deve ser respeitada a criatura humana. E se um dia o perdessem, não tão somente a pessoa, mas, principalmente, as suas sábias lições, haveriam, sem dúvida, de lamentar profundamente essa perda irreparável. Sua voz já se fez ouvir nos momentos em que tomam vulto as campanhas eleitorais. Prega a vitória do socialismo assim como quem tem plena certeza de que dois mais dois são quatro. Que orador admirável! Que sabedoria extraordinária!